

**A COCONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS EM FAMÍLIAS DE
EX-COMBATANTES DA GUERRA COLONIAL PORTUGUESA EM ANGOLA**

MARTA LOPES FERREIRA CRESPO

Orientadora de Dissertação:

PROF.^a DOUTORA MARIANA PIRES DE MIRANDA

Coorientadora de Dissertação:

PROF.^a DOUTORA MARIA JOSÉ LOBO ANTUNES

Professora de Seminário de Dissertação:

PROF.^a DOUTORA MARIANA PIRES DE MIRANDA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Professora Doutora Mariana Pires de Miranda e coorientação de Professora Doutora Maria José Lobo Antunes, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

Agradecimentos

À professora Mariana, pelo exemplo na forma de pensar a Psicologia e as famílias, pela sua criatividade e sobretudo por ter acolhido as minhas ideias com entusiasmo e me ter dado força para este projeto, desde o início. Obrigada, por tudo!

À professora Maria José, por aceitar coorientar esta investigação e por todo o conhecimento e bibliografia que partilhou comigo. O seu contributo foi fundamental, assim como as palavras de encorajamento que, de alguma forma, vieram sempre nos momentos certos.

A ambas agradeço todos os momentos de discussão, tão enriquecedores para mim.

À Leonor Sentieiro, elemento fundamental para este trabalho, por me ter ajudado a adquirir as ferramentas necessárias ao desenvolvimento de uma investigação qualitativa e também pelo seu exemplo e postura na investigação.

Ao Duarte, por todo o carinho e paciência, por me ajudar a pensar, por me transmitir força e entusiasmo e constantemente me lembrar porque é que este trabalho faz sentido. Obrigada simplesmente por estares ao meu lado, nesta e noutras viagens.

Aos meus amigos, em especial àqueles com uma interferência mais direta neste trabalho: Inês, Pedro, Anwen, Sebastião, Mariana e Laura. Este foi um processo feliz mas também no qual, muitas vezes, me senti sozinha e desanimada, pelo que tenho ainda a agradecer (para além dos amigos que referi anteriormente), às pessoas que sempre tiveram gestos e palavras de carinho e incentivo para me oferecer nesses momentos: Domi, Leonor, Nena, António e Luísa.

Aos meus pais, por tudo, e à minha mana e avós, por tudo o resto.

Sinto verdadeiramente que, por este ser um projeto que ocupou um espaço tão grande na minha vida, durante tanto tempo, que o produto final é o resultado do meu trabalho e do input de todas as pessoas que me acompanharam ao longo deste caminho.

Por último, às famílias, por me terem recebido com generosidade e me permitirem conhecer as suas histórias, espero honrar as suas partilhas.

Abstract

The psychological effects of the Portuguese colonial war have been subject of ongoing research in the field of psychology. However, few studies have considered the impact of this event on families, focusing instead, mainly, on the individual and on psychopathological development as a consequence of the experience of war. Building on the increasing research that elaborates on the outcomes and implications of macrosystemic challenges such as war on human systems, this study seeks to understand how families of colonial war veterans co-construct narratives of their experiences. Eight Portuguese families ($n = 23$) were interviewed using a semi-structured script. The resulting data was subjected to a thematic analysis, where two main themes arose: war experience and family communication metaperception. These results have shown that the experience of the war is multileveled, showing palliative and disruptive aspects at the individual, the family, and the contextual level, in an interconnected network of influence. Moreover, the results suggest that the subject of war is silenced within the family while, simultaneously, being psychologically present through wartime objects and non-explicit communication. These results are further discussed in light of research into the transgenerational transmission of trauma.

Keywords: families; collective trauma; Portuguese colonial war; narrative co-construction, silence

:

Resumo

Os efeitos psicológicos da guerra colonial portuguesa têm vindo a ser objeto de estudo na área da psicologia. No entanto, poucos são os estudos que consideram o impacto do evento na família, sendo que o foco tem recaído, sobretudo, sobre a dimensão individual e o desenvolvimento de psicopatologia na sequência da experiência de guerra. Baseado na área crescente de investigação que se debruça sobre as consequências de eventos macrosistémicos, como as guerras, para os sistemas humanos, este estudo pretende estudar o modo como famílias de ex-combatentes da guerra colonial coconstroem narrativas sobre o evento. Foram entrevistadas oito famílias portuguesas ($n = 23$), com recurso a um guião semiestruturado. Os dados foram analisados através de uma análise temática, tendo emergido dois temas principais: experiência de guerra e metapercepção da comunicação familiar. Os resultados indicam que a experiência de guerra é multinível, tendo sido descritos fatores paliativos e perturbadores ao nível individual, familiar e contextual, que se interinfluenciaram entre si. Os resultados sugerem ainda o silenciamento do tema da guerra na família e, simultaneamente, a sua presença psicológica através de objetos do tempo da guerra e da comunicação não explícita. Os resultados são discutidos à luz da investigação sobre transmissão transgeracional de trauma

Palavras-chave: famílias; trauma coletivo; guerra colonial portuguesa, coconstrução de narrativas, silêncio

Índice Geral

Introdução.....	1
A Guerra Colonial Portuguesa	1
Os Efeitos da Guerra no Ex-combatente e na sua Família	2
A Transmissão Transgeracional do Trauma	4
A Coconstrução de Narrativas Familiares	7
O Presente Estudo.....	9
Método	9
Delineamento do estudo e participantes	9
Procedimento e Instrumentos.....	10
<i>Guião de Entrevista Semiestruturada</i>	11
<i>Questionário Sociodemográfico</i>	11
Resultados e Discussão	12
Conclusão	20
Referências	21
Anexos.....	33
Anexo 1 – Poster de Divulgação	34
Anexo 2 – Declaração de Consentimento Informado.....	35
Anexo 3 – Guião de Entrevista	36
Anexo 4 - Questionário Sociodemográfico.....	40
Anexo 5 - Versão Alargada dos Resultados: Definições operacionais das categorias, número de fontes e referências.....	42
Anexo 6 - Notas Metodológicas.....	57

Índice de Tabelas

Tabela 1 <i>Descrição sociodemográfica dos elementos participantes nas entrevistas.....</i>	16
--	-----------

Índice de Figuras

Figura 1 <i>Mapa de categorias do tema Experiência de Guerra</i>	19
---	-----------

Figura 2 <i>Mapa de categorias do tema Metapercepção da Comunicação Familiar.....</i>	23
--	-----------

Introdução

Estima-se que existam atualmente 27 conflitos armados ativos no mundo inteiro (Global Conflict Tracker, 2023). O custo psicológico da guerra é significativo, com a Organização Mundial de Saúde (2022) a estimar que a prevalência de perturbações mentais em populações afetadas por estes conflitos seja de 13%. No mesmo sentido, encontramos efeitos de curto, médio e longo prazo destes conflitos ao nível dos sistemas familiares (Thamotharampillai & Somasundaram, 2021). Este artigo revisita este debate no contexto da guerra colonial portuguesa, evento com expressão até aos dias de hoje, tanto na sociedade portuguesa, como nas ex-colónias envolvidas no conflito (Cabecinhas & Feijó, 2010; Jerónimo, 2018). Fá-lo-emos considerando as articulações entre o sistema familiar e a capacidade de coconstruir narrativas familiares em torno de eventos potencialmente traumáticos e com impacto macrossistémico, como é o caso da guerra colonial.

A Guerra Colonial Portuguesa

A guerra colonial portuguesa (1961-1974) consistiu num conflito que teve lugar entre Portugal e os movimentos de libertação que exigiam a independência dos territórios que hoje dizem respeito a Angola, Guiné-Bissau e Moçambique (Becker et al., 2019). Estima-se que, dos 800 000 soldados que foram recrutados pelo lado português, tenham perdido a vida cerca de 10 000 e que mais de 31 000 tenham ficado gravemente feridos (Sousa, 2021). Do lado dos movimentos de libertação, os números oficiais portugueses apontam para 28 000 mortos e 9 500 feridos entre os guerrilheiros e 6 200 mortos e 12 200 feridos entre os civis (Sousa, 2021) embora pesquisas historiográficas sugiram números mais elevados (Wheeler & Pélissier, 2009).

Esta guerra – denominada de ultramar para o império português e de libertação nacional para as populações colonizadas – teve lugar num momento em que os restantes territórios até então ocupados por países europeus já tinham procedido ao processo de descolonização (Becker et al., 2019). Portugal permanecia “orgulhosamente só”, tal como afirmou o ditador Salazar (1965), reiterando assim o papel do Estado Novo em fazer cumprir o destino de Portugal pela evocação do passado imperial (Antunes, 2014). Por seu lado, a pressão internacional para a descolonização deu origem a uma retórica pública oficial (transmitida nas escolas aos jovens que viriam, um dia, a partir para a guerra) baseada na ideia de ausência de racismo e vocação dos portugueses para integrar outros povos (Antunes, 2017), espalhando a

vulgata luso-tropicalista que, a partir de meados do século XX, foi usada como dispositivo ideológico de afirmação do excepcionalismo português (Castelo, 1999) e que se encontra disseminada na sociedade portuguesa contemporânea, nas instituições (Almeida, 2004) e nas representações dos portugueses sobre a colonização (Vala et al., 2015).

Apesar das transformações históricas e políticas do tempo pós-colonial, este “lusotropicalismo genérico” persiste tanto nos discursos de senso comum como na representação oficial, ecoando uma visão benigna do passado (Almeida, 2004, p. 63), ao qual não é alheia a emergência da ideia de espaço lusófono que, baseado numa língua e numa história comum, elide a violência e permite a imaginação colonial sem um império (Pinto e Jerónimo, 2015). A carência de uma inscrição histórica, política, social e individual sobre a guerra colonial traduz a dificuldade de um país em lidar com um passado de perdas, culpa e trauma resultantes de um conflito que continua direta ou indiretamente presente na vida de todos (Campos, 2018). Tendo em conta o contexto específico da guerra colonial portuguesa e a dificuldade de, em sociedade, se discutir sobre o passado colonial e as suas implicações, importa compreender de que modo esta incapacidade influenciou o modo como as famílias coconstroem as suas narrativas em torno das suas experiências de guerra.

Os Efeitos da Guerra no Ex-combatente e na sua Família

O desenvolvimento do conhecimento científico sobre o impacto psicológico de guerras em populações envolvidas está intrinsecamente relacionado com o conceito de trauma. Durante a primeira guerra mundial, os soldados expostos ao combate apresentavam sintomas físicos e psicológicos como tonturas, tremores, paralisia, mutismo ou perda de memória (Pedroso et al., 2017). A este quadro de sintomas atribuiu-se a expressão “*shellshock*”, termo que aludia ao que se acreditava ser a reação dos soldados à exposição a explosões de artilharia, também conhecida como “neurose de guerra” ou “stress de combate” (Mott, 1919; Myers, 1915). Apesar do número elevado de casos registados, a vulnerabilidade associada a esta condição desafiava a narrativa dominante das sociedades envolvidas no conflito, que com os seus slogans patriotistas advogavam a glória da guerra (Herman, 2015). O stress de guerra era compreendido como uma condição que advinha da “fraqueza moral” e “falta de preparação” dos soldados e interpretada como um ato de cobardia (“Shell Shock”, 1922).

Avanços dos estudos em psiquiatria no decorrer da segunda guerra mundial sobre esta condição conduziram a um progressivo desvanecimento do estigma a ela associado, mas foi

apenas com a guerra do Vietname que se verificou uma investigação sistemática a larga escala sobre os efeitos a longo prazo do stress de guerra (Herman, 2015). A pressão política exercida por grupos anti-guerra, procurando a conscientização sobre os seus efeitos, terá resultado num mandato legal para um programa de tratamento psicológico, impulsionando assim, não apenas a investigação, como a criação de centros de apoio para as pessoas afetadas pelo conflito. Em 1980 surgiu, pela primeira vez, a terminologia Perturbação de Stress Pós-Traumático (PTSD) pela *American Psychiatric Association (APA)*, possibilitando uma circunscrição nosológica destas experiências.

A literatura sobre o trauma relacionado com a experiência de guerra tem-se debruçado, de facto, maioritariamente sobre a prevalência de psicopatologia, como a PTSD, demonstrando a severidade dos efeitos a longo prazo da exposição ao conflito para os soldados e a restante população diretamente exposta (Dimitry, 2011; Hinchey et al., 2023; Hoppen & Morina, 2019; Prigerson et al., 2002; Solomon & Mikulincer, 2006).

Relativamente a estudos empíricos sobre o impacto psicológico da guerra colonial portuguesa, o foco tem recaído, novamente, sobre o desenvolvimento de psicopatologia na consequência da experiência da guerra, mais especificamente, sobre a prevalência de sintomas de PSPT e comorbidades (Albuquerque et al., 2003; Começanha & Maia et al., 2011; Ferrajão et al., 2015;), sobre o comprometimento funcional, médico e ocupacional em ex-combatentes (Albuquerque et al., 1992; 1994), e ainda sobre as diferentes trajetórias e fatores relacionados com a recuperação de ex-combatentes com e sem PSPT (Começanha, 2011; Sendas, 2009). Estes estudos enquadram-se numa conceção individual da experiência de guerra, que consideramos potencialmente individualizadora do ex-combatente, se excluir da análise a sua relação com os vários sistemas a que pertence, desde aqueles em que se move de forma mais imediata, como a família ou a escola, aos contextos mais abrangentes, como a cultura e a história (Bronfenbrenner, 1979). Este trabalho alinha-se com o de outros autores que, informados pelo conceito de trauma coletivo - as consequências inevitáveis de um desastre natural ou humano sob as ecologias sociais, culturais e físicas de uma população (Saul, 2013) – para incluir na análise um olhar sobre outros sistemas onde os ex-combatentes estão inseridos e que, também já foram descritos como afetados por eventos macrossistémicos, como as guerras (Thamotharampillai & Somasundaram, 2021).

Começamos pela descrição de evidência sobre o impacto da guerra em pessoas não diretamente expostas ao conflito, nomeadamente familiares de ex-combatentes. Importa começar por enfatizar as famílias como sistemas fortes e resilientes (Figley & Kiser, 2013),

capazes de mudar e de se adaptar às circunstâncias que desafiam a sua realidade, tanto internas, como os ciclos de vida, como externas (McGoldrick, 2013). Quando algo inesperado acontece, a organização da estrutura do sistema familiar pode ser fortemente afetada, e a família necessita de reorganizar os seus padrões transacionais de modo a responder ao stress provocado por estas situações (Minuchin, 1974). Contudo, poderão ocorrer determinados acontecimentos que, por serem tão disruptivos da sua rotina e vida normal, sobrecarregam o sistema familiar e impossibilitam uma adaptação saudável e sustentável (McGoldrick, 2013).

No que respeita a este stressor externo da guerra, verificamos a existência de relatos de filhos de ex-combatentes que desenvolveram sintomatologia ansiosa e sentimentos de culpa (Danieli, 1982; Rosenheck & Nathan, 1985), e de mulheres de ex-combatentes que relataram problemas somáticos e de sono (Dirkzwager et al., 2005) e níveis de stress e sobrecarga elevados ao presenciar e tentar gerir o sofrimento psicológico do companheiro (Arzi et al., 2000; Beckham et al., 1996; Verbosky & Ryan, 1988). Também ao nível do funcionamento por subsistema familiar é possível começar a descrever alguns efeitos adversos. Estudos demonstraram o impacto negativo na conjugalidade, salientando baixos níveis de satisfação conjugal (Dirkzwager et al., 2005) e dificuldades na intimidade e ajustamento relacional (Jordan et al., 1992; Riggs et al., 1998). Ao nível da parentalidade, verificam-se casos de envolvimento excessivo dos filhos na vida afetiva da figura paterna (Danieli, 1982; Rosenheck & Nathan, 1985), enquanto ex-combatentes relataram desligamento emocional e baixos níveis de satisfação no que diz respeito às tarefas da parentalidade (Ruscio, 2002).

No que respeita a evidência sobre a guerra colonial portuguesa, verificamos que os estudos encontrados replicam a evidência encontrada noutros cenários de guerra, com o desenvolvimento de sintomatologia de traumatização secundária em mulheres e filhos de ex-combatentes com PSPT (Oliveira, 2008; Paiva, 2017; Pereira & Pedras, 2011). Pedras (2009) cruza as análises de PTSD em pais e Perturbação Secundária de Stress Traumático (STSD) em filhos com a tipologia de funcionamento familiar dada pelo modelo circumplexo (Olson, 2011), demonstrando que estes casos predominam em famílias cristalizadas num funcionamento extremo em ambos eixos de avaliação, com um desmembramento ao nível da coesão e rigidez.

A Transmissão Transgeracional do Trauma

Se por um lado, podemos identificar efeitos sistémicos da guerra nos familiares, por vivências relativas ao período da guerra, a evidência já apresentada aponta para a existência de

uma transmissão transgeracional não direta, que consiste na transmissão de conteúdos não elaborados, inconscientes e não integrados às gerações seguintes (Rehbein & Chatelard, 2013).

Já alguns autores têm descrito sobre o fenômeno de transmissão transgeracional do trauma coletivo, como é o caso de McGoldrick (2005) a propósito da Fome na Irlanda (1840) e o genocídio e migração forçada que se seguiram. Citando o escritor Nuala O'Faolain (2001) a autora pontua como a memória de perda e dor continua a perdurar nas gerações seguintes: :

My father was angry nearly all the time and my mother just went around in a silent bubble. I didn't know why they bothered to have children. So I put the two things together, home and the Famine and I used to wonder whether something that had happened more than a hundred years ago, and that was almost forgotten, could have been so terrible that it knocked all the happiness out of people . . . The trauma must be deep in the genetic material of which I was made. I cannot forget it, I thought, yet I have no memory of it. (Nuala O'Faolain, 2001, citado por McGoldrick, 2005, p. 608)

Um dos argumentos centrais para esta transmissão transgeracional é o da não elaboração do trauma e da sua posterior comunicação. Simon (2011, cit por Gómez, 2023) pontua a este respeito o princípio da lealdade que une as gerações mais recentes às gerações passadas, levando aquelas que não experienciaram de forma direta o evento traumático a manifestar sintomas e a repetir padrões de sofrimento. Outros autores analisam em maior detalhe os padrões comunicacionais sobre os eventos traumáticos, destacando a opção do silêncio. De acordo com Imber-Black (1998), manter determinadas informações inacessíveis parece cumprir uma função protetora para o próprio indivíduo (daquilo que teme enfrentar e do medo de perder o outro ou o próprio sentido de identidade), as suas relações e as outras pessoas na família. No entanto, quando o silêncio encobre histórias centrais da família, que permanecem assim indisponíveis e por contar, as relações e a construção da identidade são significativamente afetadas, incapacitando os intervenientes de fazerem escolhas claras e conscientes sobre a sua própria vida.

É neste sentido que apontam, os estudos sobre famílias de vítimas do Holocausto, onde se evidenciam padrões comunicacionais caracterizados pelo evitamento da comunicação explícita sobre a sua experiência e, simultaneamente, a presença psicológica do holocausto nas suas casas (Danieli, 1985; 1998; Kidron, 2012; Krauskopf et al., 2023). Ainda que os pais não conversassem com os filhos sobre o trauma, estes filhos descrevem ter nascido e crescido conscientes do passado traumático dos pais, consciência essa adquirida através da acumulação

subtil e gradual de pistas implícitas (Wajnryb, 2001, cit. por Krauskopf et al., 2023). De facto, um dos fatores que foram identificados como contribuindo de forma mais negativa para o funcionamento familiar em famílias de ex-combatentes da guerra colonial foi a presença de comportamentos de evitamento (não falar, não pensar ou não sentir), a par do embotamento afetivo, i.e., o afastamento e não expressão de afeto do ex-combatente para com a família e a presença de violência (física, verbal ou emocional) (Pereira, 2003 cit. por Pereira, 2010).

O que se verifica é que este silêncio é muitas vezes perversivo, estendendo-se às comunidades e à sociedade como um todo. Indivíduos e famílias de comunidades afetadas pelo trauma são assim percebidos pelos outros como "*silenciosos*", "*passivos*" ou "*problemáticos*" (Thamotharampillai & Somasundaram, 2021). De acordo com Audergon (2004), a dificuldade das comunidades e sociedades em testemunhar, ouvir e dar resposta às histórias do trauma resultam no silenciamento e/ou dissociação dos acontecimentos traumáticos da sua história. Na origem desta dificuldade encontra-se o medo de que falar seja um gatilho para a experiência traumática do outro, o ter de questionar a própria responsabilidade, punições ou reparações, o sentimento de culpa, assim como o desejo de permanecer protegido pelo privilégio (Audergon, 2004).

Martins (2013) reflete sobre o silêncio que recaiu sobre o tema da guerra colonial e a elisão do mesmo da memória coletiva. Qual o impacto que o afastamento deste assunto da discussão pública terá tido sobre quem foi irreversivelmente afetado por ele? Nos testemunhos que recolheu junto de ex-combatentes com deficiência adquirida na guerra, o autor encontra uma conjugação entre o "excesso de memória" (das marcas psicológicas e corpóreas da guerra) e o silêncio da sociedade portuguesa sobre este trauma coletivo. Parece que, para estes ex-combatentes, a guerra permanece nos seus corpos e memórias que, por sua vez, integram histórias que os retratam tanto como vítimas, como perpetradores de violência. Também Antunes (2017) teorizou sobre a dificuldade de integração da ambiguidade presente nas narrativas de ex-combatentes sobre a sua experiência do conflito (o suposto excepcionalismo português e a confrontação com a violência exercida pelos colonos) pela falta de narrativas sociais alternativas contemporâneas ao discurso identitário herdado pelo Estado Novo.

Construir uma narrativa do trauma é, deste modo, simultaneamente, uma necessidade individual e da própria sociedade (Audergon, 2004). Uma conceção unicamente individual do trauma pode levar a que a pessoa afetada se sinta isolada na própria experiência e que se afaste da comunidade. Para além disso, as narrativas sociais criam, mantêm e sustentam as estruturas sociais e culturais em que vivemos. Baseiam-se no passado coletivo, nas práticas discursivas e

simbólicas, orientam os valores da responsabilidade pessoal, como se deve organizar a vida quotidiana e qual o caminho para o futuro - são “guiões culturais” que orientam as narrativas individuais, o comportamento e criação de significado (Tankink and Richters, 2007).

Neste sentido, as discussões contemporâneas sobre as heranças coloniais europeias, a memória e a pós memória, têm vindo a ganhar cada vez mais relevância política (Ribeiro, 2021). A discussão centra-se em torno destas heranças nos espaços públicos como os museus ou as escolas, a par da discussão sobre o racismo estrutural. De facto, uma sociedade devastada pela catástrofe deixada pela guerra e pelo colonialismo, tem de se preocupar, em primeiro lugar, com a recuperação do tecido social que sustém a vida quotidiana, reabilitando tanto as instituições que foram destruídas como a trabalhar no sentido da promoção de uma compreensão e criação de significado para as consequências devastadoras do conflito (Shapiro, 2002). Neste trabalho, pretendemos contribuir para este esforço através da compreensão da forma como a construção destas narrativas ocorre ao nível do sistema primário, as famílias. Com esse objetivo, procuraremos integrar o conhecimento sobre a forma como as famílias constroem a sua realidade pela linguagem.

A Coconstrução de Narrativas Familiares

Segundo Anderson e Goolishian (1988), o ser humano é um sistema gerador de linguagem e significado e a comunicação e o discurso têm um papel central na organização social de qualquer sistema. Isto significa que todos os sistemas humanos são essencialmente linguísticos e comunicacionais e que a realidade consiste num “multiverso de significados” (Goodman, 1978) que emerge da diversidade e coexistência de histórias individuais, familiares, sociais e culturais, geradas e negociadas entre os diferentes intervenientes (Sequeira, 2012).

A estruturação de uma narrativa ocorre através de um processo de seleção dos eventos vividos que cabem, ou não, nas narrativas dominantes que o próprio e o outro têm de si (White & Epston, 1990). São criadas num dado momento e para um contexto e finalidades específicas, podendo assim haver múltiplas narrativas, com diferentes níveis de saliência, abrangência e visibilidade.

De acordo com Sequeira (2012; 2021), podemos observar três níveis nas narrativas, recursivos, mas hierárquicos, em que os níveis superiores organizam os inferiores. No primeiro nível encontramos as dimensões mais pragmáticas da narrativa, sobre quem faz e participa em que eventos. No nível intermédio, encontramos os elementos que refletem as perspectivas dos

elementos do sistema, como a conotação, que remete para os significados e valores morais dos intervenientes, a atribuição de intenções e legitimidade dos eventos relatados; e a forma de relato, que diz respeito ao papel e intervenção dos protagonistas da história, relativa à agência dos intervenientes, que pode ser mais ativa ou mais passiva. Finalmente, no nível superior, encontramos as premissas epistemológicas que permitem organizar o enredo da histórica. Incluem-se aqui as dimensões do tempo (Sequeira & Alarcão, 2013), espaço e causalidade. De acordo com Sequeira (2021), narrativas organizadas em torno de problemas ou dificuldades apresentam uma rigidez significativa em uma ou várias das suas dimensões, pelo que é especialmente relevante considerar o nível e os componentes onde existe maior perturbação ou bloqueios narrativos de forma a poder intervir terapêuticamente nos sistemas.

Esta forma de olhar para narrativas pode ser também aplicada a narrativas familiares. A forma como as famílias coconstruem as suas narrativas tem um papel fundamental na construção identitária e na definição do papel de cada indivíduo na família (Fivush & Buckner, 2003). Efeitos positivos ao nível identitário, de autoestima e autoeficácia têm sido associados a famílias com capacidade de coconstruir narrativas de forma mais colaborativa, isto é, famílias que, de forma empática e harmoniosa, negociam significados e validam diferentes perspectivas, comparativamente com famílias em que se observa um estilo narrativo mais independente, onde frequentemente ocorre a imposição de determinada perspectiva (Bohanek et al., 2006; Fivush et al., 1997 ; Marin et al., 2008).

Isto remete-nos então para a ideia de que a convivência das múltiplas narrativas - pessoais, familiares e sociais - podem promover ou, pelo contrário, constranger a evolução do sujeito (Sequeira, 2012). O processo de coconstrução de narrativas familiares permite reunir narrativas individuais e divergentes numa narrativa familiar partilhada, coerente e significativa, promovendo a capacidade de significar e conseqüentemente a recuperação das relações intrafamiliares e dos processos de comunicação afetados por experiências stressantes e traumáticas, reabilitando a família como rede de suporte (Saltzman et al., 2013). Por outro lado, se existem experiências vividas que ficam por historiar e nunca são expressas, e a experiência permanece, deste modo, desorganizada (White & Epston, 1990).

O Presente Estudo

Recentemente, autores têm salientado a importância de se dedicar especial atenção a eventos macrossistêmicos, em especial os catastróficos, no estudo de sistemas humanos (Beja & Miranda, 2021; Richman et al., 2008).

Tendo a guerra colonial portuguesa sido um evento traumático a nível coletivo, com sérias implicações tanto ao nível individual, familiar como social, é surpreendente a relativa escassez relativa de estudos empíricos no âmbito da Psicologia. Nos estudos realizados, o foco tem recaído, essencialmente, sobre o desenvolvimento de sintomatologia de stress pós-traumático na sequência da experiência de guerra, sendo realmente escassos os estudos que abordam a dimensão familiar. Esta pesquisa surge exatamente para fazer face a esta lacuna. Focar-nos-emos em particular no caso da guerra colonial que teve lugar em território Angolano, uma vez que se trata do país que teve um período mais longo de guerra e para onde os maiores contingentes de combatentes eram enviados a cada ano.

O objetivo principal encontra-se a par da literatura sobre a coconstrução de narrativas familiares a partir de desastres (naturais ou humanos) que podem levar a trauma coletivo (Haene et al., 2018; Rommes & Nisrine Chaer, 2023).

Pretendemos, inicialmente, mapear as narrativas sobre a experiência com a guerra colonial em Angola em famílias de ex-combatentes portugueses. Neste objetivo incluiu-se a descrição das temáticas da experiência familiar, tanto no subsistema conjugal como parental, que emergem quando se fala da guerra, nos períodos pré, durante e pós-evento, cruzando com os ciclos de vida familiar. Procuraremos ainda contribuir para uma descrição da meta-perceção da narrativa, promovendo a reflexão da família sobre a forma como conversam, ou não, sobre as experiências de guerra e como conversam.

Método

Delineamento do Estudo e Participantes

A presente investigação recorreu a uma metodologia qualitativa e exploratória (Guba & Lincoln, 1994). Seguiu-se uma amostragem não probabilística, por conveniência, através da técnica “bola de neve”. Participaram neste estudo oito famílias de ex-combatentes portugueses da guerra colonial, das quais duas participaram apenas os elementos do sistema conjugal (ex-

combatente e companheira) e seis onde estiveram também presentes descendentes (no máximo 2, e incluindo filhos e netos). A descrição dos 23 participantes encontra-se na Tabela 1.

Tabela 1

Descrição sociodemográfica dos elementos participantes nas entrevistas

	<i>Ex-Combatentes</i>		<i>Companheiras</i>		<i>Descendentes</i>	
	<i>N (%)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>N (%)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>N (%)</i>	<i>M (DP)</i>
Sexo						
Masculino	8 (100)		0 (0)		1 (14)	
Feminino	0 (0)		8 (100)		6 (86)	
Escolaridade						
1º Ciclo	3 (38)		6 (75)		0 (0)	
2º Ciclo	1 (13)		0 (0)		1 (14)	
3º Ciclo	0 (0)		1 (13)		0 (0)	
Ensino Secundário	4 (50)		1		2 (29)	
Ensino Superior	0 (0)		0 (0)		4 (57)	
Nacionalidade	8 (100)		8 (100)		7 (100)	
Idade		81.6 (3.3)		79 (3.1)		43.1 (18.9)
Orientação Política		4.25 (1.28)		4.38 (1.19)		4.83 (1.3)

Procedimento e Instrumentos

O protocolo do estudo foi submetido e aprovado pela Comissão de Ética do Ispa – Instituto Universitário. O recrutamento das famílias de ex-combatentes ocorreu através nas redes sociais (Anexo 1). Após um primeiro contacto telefónico foi apresentado o estudo e solicitada a participação do ex-combatente e de pelo menos um seu familiar, ficando a cargo da família a decisão de quantos e quais os membros que participariam.

As entrevistas foram todas realizadas na casa dos participantes. Após a assinatura do consentimento informado (Anexo 2), procedeu-se à condução das entrevistas, de acordo com o guião, terminando com um agradecimento e com a partilha de informação sobre serviços de saúde mental. As entrevistas tiveram uma duração total entre 1h10 e 3h00, e foram gravadas em áudio e em vídeo e depois transcritas com substituição de todos elemento identificativos.

Guião de Entrevista Semiestruturada

O guião de entrevista semiestruturada (Anexo 3) era constituído por seis blocos temáticos. O primeiro correspondeu à recolha do consentimento informado. O segundo bloco temático correspondeu a uma tarefa de construção da linha do tempo da família (adaptado de Stanton, 1992), a partir da organização de fotografias que tinham sido solicitadas, com o objetivo de quebra-gelo e introdução do tema. No terceiro bloco foram formuladas questões que permitissem aceder à narrativa de cada elemento da família sobre a sua experiência direta ou indireta (*“Como receberam a notícia de que o x tinha sido mobilizado para a guerra? O que pensaram, o que sentiram?”*). No quarto bloco temático foram explorados aspetos relativos à vivência do pós-guerra, abrangendo os vários ciclos de vida pelos quais a família passou (*“Ao longo da vida da vossa família este tema aparecia? Como? Sobre que aspetos conversavam?”*; *“Existem fotos ou outros objetos que tenham a ver com esse tempo?”*). No quinto bloco incluíram-se questões que procuravam a meta-compreensão sobre as narrações, sobre os pontos de encontro e tensão e sobre a forma mais colaborativa ou independente de narrar (*“Refletindo sobre tudo o que conversámos até aqui, como é para vocês estar a ouvir as perspetivas de cada um; Se vocês entrassem nesta sala e observassem a vossa família a contar isto, o que é que pensariam?”*). O último bloco temático correspondeu ao final da entrevista, onde se deu oportunidade à família de tecer comentários adicionais.

Dado que o estudo se insere numa perspetiva sistémica, o guião foi pensado para que pudesse ser aplicado através da técnica de questionamento circular (Selvini et al., 1980), para melhor possibilitar o surgimento de complementaridades e diferenças na informação fornecida (Ferreira, 2021). Deste modo, sempre que possível as questões formuladas foram dirigidas primeiramente à geração mais nova da família, que, à partida, tem menos informação direta sobre os eventos, convidando, em seguida, os restantes membros a complementar essa informação, e, assim, fomentar o confronto dos participantes com as várias perspetivas que coexistem na família.

Questionário Sociodemográfico

Recolheram-se dados relativos ao sexo, idade, país de nascimento, escolaridade e orientação política dos participantes. Em adição, no questionário aplicado ao ex-combatente, questionou-se sobre a história militar, mais especificamente, o período de comissão e o posto militar (Anexo 4).

Resultados e Discussão

Através da análise temática (Braun & Clarke, 2006) realizada com recurso ao software NVivo, identificámos dois temas principais - Experiência de Guerra (23/354) e Metapercepção da Comunicação Familiar (20/124), cada uma composta por várias categorias e subcategorias.

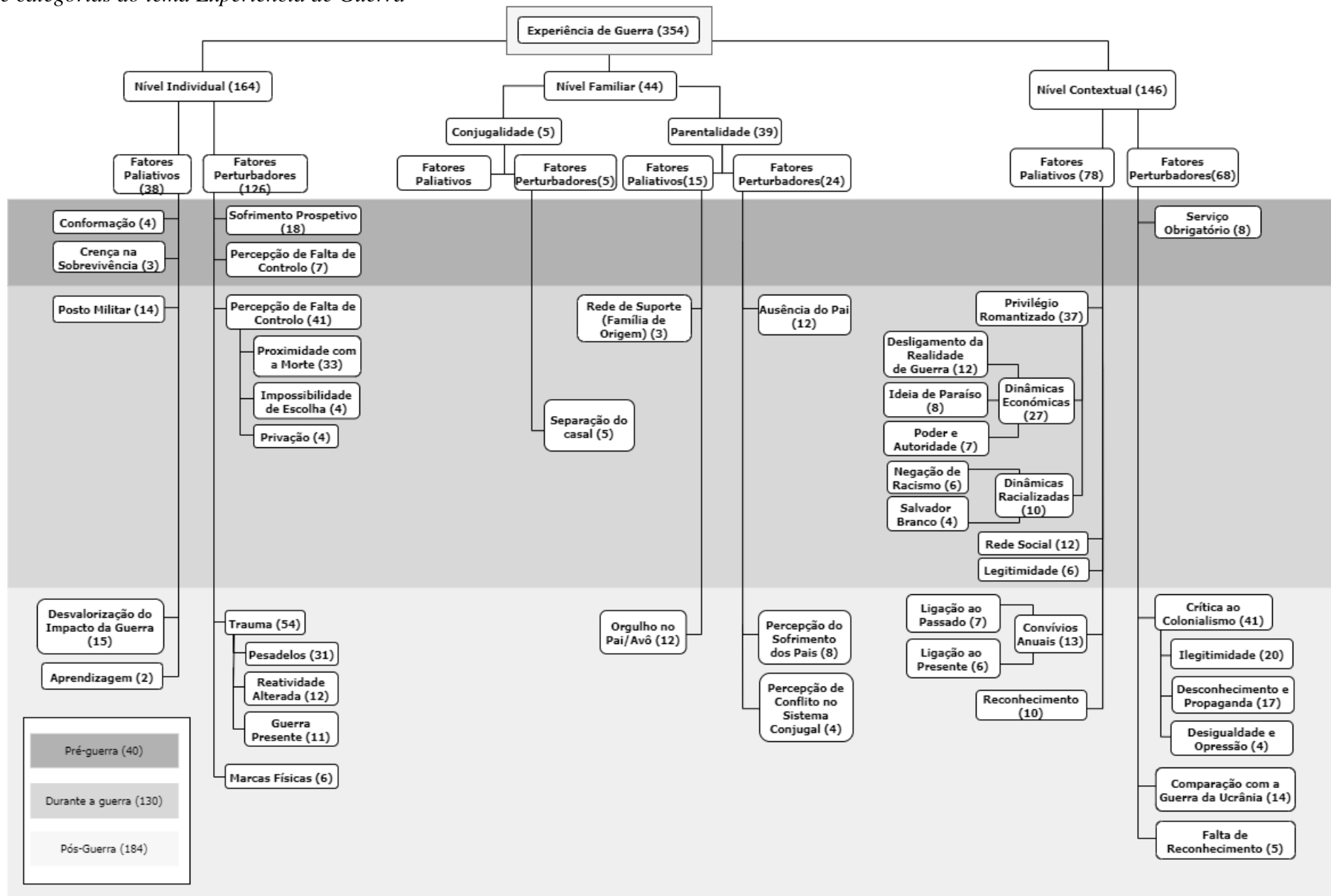
Experiência de Guerra

O primeiro tema identificado foi a Experiência de Guerra, (23/354), que se define pela forma como os elementos das famílias viveram a experiência da guerra colonial, enquanto ex-combatente ou familiares de ex-combatente ao longo dos períodos Pré-guerra (14/40), Durante a guerra (17/130) e Pós-guerra (21/184). Por período pré-guerra entende-se o intervalo entre a instrução militar do ex-combatente até ao momento que antecede a partida, seguido do período de guerra, desde a partida ao regresso a Portugal e, culminando no pós-guerra, desde o regresso à atualidade. Através das narrativas desenvolvidas pelos participantes foi possível identificar três níveis relevantes: Nível Individual (19/164), Nível Familiar (13/44) e Nível Contextual (19/146). Com base no Modelo Ecológico do Desenvolvimento de Bronfenbrenner (1979), considerou-se que no nível individual se incluiria a experiência do indivíduo no que diz respeito a fatores intrapessoais como crenças, atitudes e vivência emocional; no nível familiar os conteúdos referentes às relações familiares, especificamente as dinâmicas relativas à experiência da conjugalidade e parentalidade e, no nível contextual, foram incluídos os fatores políticos e culturais, valores e ideologias em relação com o indivíduo. Por último, verificou-se também a existência de várias interinfluências entre estes sistemas: Fatores Paliativos¹ (21/131) – crenças e influências que contribuíram para a promoção do bem estar subjetivo das famílias num contexto de adversidade, como a realidade de guerra e Fatores Perturbadores (23/223) - influências que interferiram de modo negativo na qualidade da experiência dos participantes, no seu bem-estar físico e emocional.

¹ O recurso ao termo fator paliativo, no lugar de fator protetor, justifica-se pelo facto de que, ainda que ambos possam contribuir para a redução do sofrimento ou melhor bem-estar, paradoxalmente, a função paliativa pode também contribuir para a diminuição da capacidade de agência sobre o meio ambiente e sobre as causas adversas (Napier et al., 2020).

Figura 1

Mapa de categorias do tema Experiência de Guerra



Nível Individual

No que diz respeito aos fatores que contribuíram negativamente para a experiência individual, sete categorias saturaram fortemente as narrativas.

As categorias que surgiram da análise configuram, para homens e mulheres, uma experiência de guerra fortemente marcada pela percepção de falta de controlo, no pré e durante a guerra, resultados que vão de encontro ao que outros autores já haviam demonstrado noutros contextos de guerra (Solomon et al., 1991; Smith et al., 2018). Do mesmo modo, outros autores concluíram que fatores como a proximidade com a morte (Boss, 1999; Eshbaugh & Henninger, 2013; Samreen & Zubair, 2013), e a inacessibilidade a recursos essenciais como água e comida durante a guerra (Chukwura et al., 2019) contribuíram para o sentimento de perda de controlo. Relativamente às subcategorias relacionadas com as manifestações sintomáticas, os resultados foram igualmente de encontro ao que tem vindo a ser descrito na literatura, que reporta no período pós guerra, a ocorrência de pesadelos (Gehrman et al., 2014; Harb et al., 2012) e reatividade alterada (Taft et al., 2007) em ex-combatentes, a par do impacto psicológico negativo da deficiência/marcas físicas adquirida em combate (Martins, 2013; Philips, 1980).

Paralelamente, os participantes relataram a existência de aspetos com efeito paliativo na sua experiência, nomeadamente a conformação, a crença na sobrevivência e a aprendizagem. A literatura sobre a resiliência e estratégias de coping em situações de stress e adversidade suporta a emergência das categorias mencionadas, especificamente, estudos demonstraram como tanto a aceitação (Zoellner & Maercker, 2006), como a crença na resolução positiva de um evento que não é possível controlar (Brenner et al., 2015) fizeram parte das tentativas de adaptação a situações de adversidade. Adicionalmente, a reavaliação positiva de um evento traumático, como a percepção de aprendizagem (Brenner et al., 2015) contribui positivamente para o crescimento pós-traumático (Prati & Pietranton, 2009). Em contrapartida, denota-se também o surgimento de estratégias para lidar com o evento consideradas pelos autores menos adaptativas do que as estratégias de enfrentamento, como é o caso do evitamento, que se pode traduzir na negação do impacto emocional de uma experiência difícil (Green et al., 1988; Bartone & Homish, 2020).

Nível Familiar

Verificou-se que o discurso ao nível do sistema familiar se focou sobretudo na parentalidade. A vivência descrita pelos participantes corrobora o que tem surgido na literatura

acerca da experiência da parentalidade em contextos de guerra. Estudos verificaram que a ausência da figura paterna se refletiu em dificuldades emocionais para filhos (Chandra et al., 2009; Lester et al., 2010), pais (DeVoe & Ross, 2012) e mães (Davis et al., 2011) durante a separação. Enquanto que o pai se preocupa com o impacto da sua ausência no crescimento dos filhos (DeVoe & Ross, 2012), as mães passam a ter de exercer as responsabilidades parentais sozinhas (Wheeler & Stone Torres, 2010). Por sua vez, o reencontro da família aquando do regresso do ex-combatente traduziu-se igualmente por algumas dificuldades na parentalidade. O sofrimento emocional dos pais, muitas vezes acompanhado por sintomatologia de stress pós-traumático, tem interferência negativa nos níveis de satisfação e capacidade percebida relativamente ao desempenho da função da parentalidade (Ruscio et al., 2002; Samper et al., 2004). Por sua vez, o sofrimento dos pais é percebido pelos filhos, mesmo sem que se converse sobre a história traumática (Krauskopf et al., 2023; Wajnryb 2001) e pode contribuir para a vulnerabilidade emocional dos mesmos (Punamäki et al., 2018) e para a percepção de uma relação parental menos satisfatória (Rosenheck, 1986). Do mesmo modo, também o testemunho da violência que ocorre no sistema conjugal (Cardoso, 2015; Maia et al., 2006) tem efeitos nocivos na saúde mental dos filhos (Holt et al., 2008).

Relativamente aos fatores paliativos, foi possível observar a ocorrência de um movimento de procura de apoio na família de origem, tal como estudos em outros cenários de guerra encontraram (Pincus et al., 2011; Rosen et al., 2000). No mesmo sentido, ainda em linha com a literatura acerca da resiliência familiar em contextos de guerra, a capacidade de significar, mais especificamente, o desenvolvimento de crenças relacionadas com o otimismo perante o futuro e um olhar positivo sobre a vida militar, que se pode traduzir no patriotismo e no sentimento de orgulho nos soldados, contribuiu para um melhor funcionamento da família (Hammer et al., 2006 cit por Rigs et al., 2011), indo de encontro aos resultados deste estudo.

Por último, denota-se a quase ausência de categorias ao nível conjugal. Outros estudos enfatizaram dimensões emocionais e estruturais no casal durante o período de guerra que não surgem nestas famílias, como a renegociação de papéis e as dinâmicas de poder (Riggs et al., 2011). No mesmo sentido, encontramos na literatura desafios relacionados com o reencontro do casal, entre a vivência de um momento feliz e a necessidade de adaptação a uma nova dinâmica relacional (Solomon, 1992), entre o distanciamento emocional e níveis decrescidos de intimidade e expressividade ao nível da comunicação (Solomon et al., 1992; Mansfield et al., 2014). No entanto, os nossos dados relativos à conjugalidade de casais da guerra colonial relevam uma escassez de conteúdo na árvore de categorias. Este vazio da função conjugal nas

narrativas dos participantes poderá dever-se à dificuldade dos casais em conversar sobre a experiência traumática (Imber-Black, 1998; Krauskopf et al., 2023), e também a uma assimetria entre a voz do combatente e da sua companheira, sob a concepção de que a história da guerra é o território narrativo do ex-combatente, dificultando assim a complexificação da história e a possibilidade de incluir outros elementos da família na experiência. Fatores como o assumir de papéis de gênero não tradicionais (i.e. ficar exclusivamente responsável pela parentalidade ou gestão financeira) e a vivência de incerteza e percepção de falta de controle na ausência do companheiro, assim como a responsabilidade assumida na adaptação do companheiro à normalidade no seu regresso, levaram a que mulheres de militares experienciassem uma sobrecarga emocional e, simultaneamente, a necessidade de contenção do próprio sofrimento e a tentativa de não sobrecarregar o companheiro ou os outros em volta, o que fez com que se sentissem silenciadas nas suas relações (Aducci et al., 2011).

Nível Contextual

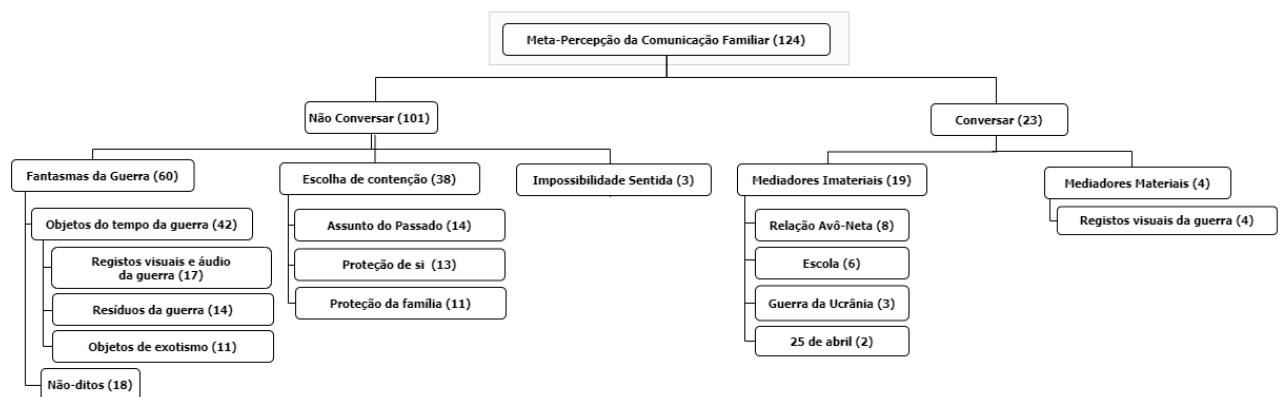
A descrição do nível contextual refletiu, sobretudo, a conjugação do privilégio romantizado e a crítica ao colonialismo. Tal como neste estudo, também o estudo de Antunes (2014) descreve dinâmicas económicas baseadas na dominação colonial, a exploração dos recursos materiais e humanos e uma hierarquia social baseada nas desigualdades raciais que determinaram deste então a relação entre pessoas brancas e negras. Já Kilomba (2022) havia teorizado o ciclo de encenação do racismo, que contempla as fases: negação, culpa, vergonha, reconhecimento e reparação. Quando um dos participantes transmite que *“Eu nunca fui racista nem nada, fui escuteiro e aprendi muita coisa enquanto escuteiro e nunca tive nenhum problema de racismo com ninguém”* admite uma experiência, a qual acredita não dever ter feito (culpa), através da sua formulação na negativa (negação) (Laplanche & Pontalis, 1988). A par disto, quando o mesmo participante afirma *“Dei o meu melhor para ficar na cidade, para poder ajudar aquela gente de cor”* torna patente a agenda lusotropicalista do estado novo, que postulava a capacidade exclusiva dos portugueses em empatizar e integrar povos de culturas diferentes, premissa esta que transformou a violência e a opressão em algo benévolo (Vala, 2008). A romantização do privilégio viabilizou, deste modo, o desligamento dos aspetos sombrios e opressivos do colonialismo - e as narrativas das famílias incluem de forma ambivalente a crença na legitimidade e a denúncia da guerra enquanto ação ilegítima e infundamentada.

Metapercepção da Comunicação Familiar

Estes resultados evidenciam a prevalência do silêncio em torno do tema da guerra nas relações familiares.

Figura 2

Mapa de categorias do tema Metapercepção da Comunicação Familiar



Já Figley e Hogancamp (1983) tinham encontrado um padrão comunicacional semelhante em casos de famílias de ex-combatentes da guerra do Vietname, em que, à semelhança do nosso estudo, parece ter ocorrido um desencorajamento mútuo da família relativamente à abordagem da experiência de guerra. Por um lado, o ex-combatente receia a revisitação de lembranças indesejadas e difíceis, evitando sobrecarregar o outro e a si próprio. Por outro lado, os restantes elementos da família procuram também proteger-se dos conteúdos traumáticos da experiência do ex-combatente, que identificam como geradores de ansiedade. Esta dinâmica comunicacional, baseada num pacto de silêncio, cumpre uma função de autoproteção da família. Outros autores demonstraram que, em famílias sobreviventes do holocausto, o silêncio promoveu um tipo de comunicação não explícita sobre o trauma, na qual se observa a convivência e interação com objetos significativos do passado - como fotografias e artefatos, expostos ou guardados – que desempenham um papel importante enquanto lembranças silenciosas do passado (Danielli, 1985; 1998; Wajnryb 2001). Também encontramos este padrão no nosso estudo, onde fantasmas da guerra ecoam no presente, através

de objetos do tempo da guerra e de uma comunicação codificada por silêncios e enigmas que exercem influência nas dinâmicas familiares. Ainda, apesar do evitamento do tema, a geração dos filhos relatou sentir-se imersa, sem poder de escolha, na experiência passada de perda e dor dos pais (Krauskopf et. Al., 2023), o que se poderá relacionar-se, no nosso estudo, com a percepção do sofrimento dos pais relatada pelos filhos.

Observou-se, por último, a possibilidade da disrupção do silêncio com recurso a mediadores materiais e não materiais - fatores identificados pelas famílias que facilitaram o surgimento da conversa sobre a experiência de guerra, especificamente na relação pais-filhos e avós-netos. Pontuamos o surgimento da relação avós-netos enquanto fator mediador da conversa, o que poderá estar relacionado, por um lado, com fatores como o próprio processo de envelhecimento do ex-combatente que, por comportar aspetos como a reforma, a solidão e o confronto com o mundo interior, pode ser também um período propício à quebra do silêncio (Becker & Quartillo, 2021); por outro lado, com o movimento dos netos em procurar aceder ao passado familiar.

Estes resultados, que apontam para a conjugação das dinâmicas de silêncio e do seu rompimento, aproximam-se do que concluíram Haene et al. (2018) acerca da regulação da experiência traumática em famílias de refugiados, que se manifesta pela negociação entre a lembrança e o esquecimento, entre o abordar o trauma e manter, simultaneamente, uma distância segura.

Discussão Geral

De forma a identificar aspetos narrativos mais bloqueados e que possam ser mais investidos tanto em investigações futuras, tanto ao nível da intervenção clínica, recuperamos o sistema de análise narrativa desenvolvido por Sequeira (2012), salientando aspetos relativos à dimensão do tempo, e a sua relação com as dimensões da conotação, causalidade, e forma de relato.

Relativamente à temporalidade das narrativas produzidas pelas famílias pontuamos uma temporalidade mais estática e passada e, na medida em que os participantes relatam como a experiência de guerra continua a invadi-los no presente (*“Mas o tempo da guerra não passou. As dificuldades que lá passei e os meus colegas que lá morreram estão no meu pensamento”*; *“(...) tu também sonhas muito com a guerra, até abre a porta a ver se ainda tá na guerra...”*) Adicionalmente, os participantes identificam cenário histórico que justifica a partida para a

guerra - o Estado Novo (serviço obrigatório, desconhecimento e propaganda) – que tem uma duração limitada no tempo. Ressalva-se como a capacidade de contextualização da história permite que se questione a moralidade dos eventos “*Por que é que os militares portugueses tiveram que intervir, matar, para ficarem com terras, com coisas que não eram nossas? Por quê?*”, e que os participantes se coloquem simultaneamente no lugar de vítimas de uma situação inevitável e justificada (*A guerra colonial, em princípio, tinha que se fazer porque, vamo’lá, tínhamos lá muitos milhares de portugueses que estavam ser maltratados pelo povo local*”), como no lugar de perpetradores de violência (“*Os portugueses que lá viviam também trataram mal os indígenas e eles, às tantas, tiveram que dizer “Basta!”*”), conjugando assim as conotações de legitimidade e ilegitimidade da sua participação na guerra.

Considera-se, neste sentido, o modo como as narrativas sociais disponíveis influenciam a construção de significado para os eventos (White & Epston, 1990), na medida em que encontramos a retórica lusotropicalista refletida na romantização do privilégio, sobretudo na argumentação dos participantes acerca da legitimidade da guerra, e a emergência de uma leitura mais crítica no período pós-guerra, com o questionamento do passado e da própria colonização.

Por outro lado, existe uma segunda nota sobre o tempo histórico, associado a uma causalidade linear em que os eventos são todos desencadeados. A partir de um problema inicial – a ida para a guerra – há uma disrupção tanto ao nível individual (sofrimento prospetivo), como familiar (interrupção da vida conjugal). Esta é associada a um Estado onnipotente, o que limita a flexibilização das narrativas quanto à agência dos ex-combatentes e das suas famílias. As categorias configuram uma vivência marcada pela perceção de falta de controlo ((..) *era muito complicado para todas as famílias, o partir e não saber se regressavam*), reforçando a incerteza e impotência em perspetivar o próprio futuro e dão lugar a um tipo de relato mais passivo sobre a própria história (“*No fundo nada nos podia valer*”). Denotamos, porém, alguns fatores que parecem ter contribuído para a recuperação de alguma atividade da história: apesar de a crítica ao colonialismo surgir como fator perturbador e ser fonte de desconforto, permite também a construção de novos significados e de narrativas alternativas. Do mesmo modo, surge como saliente a categoria aprendizagem, que permite atribuir significados mais positivos à experiência de guerra e a categoria convívios anuais, que reflete a escolha de envolvimento da família em atividades de comemoração do passado, abrindo novas possibilidades narrativas das memórias da guerra que também podem envolver as famílias.

Conclusão

Este estudo fornece um primeiro mapeamento sistêmico da experiência de famílias de ex-combatentes da guerra colonial e da coconstrução de narrativas familiares em torno dessa experiência. Os resultados indicam que a experiência de guerra é multinível, tendo sido descritos fatores paliativos e perturbadores ao nível individual, familiar e contextual, que se interinfluenciaram entre si. Estes resultados evidenciam a pertinência das abordagens sistêmicas que, ao considerar a complexidade de interinfluências entre sistemas e subsistemas, permitem uma compreensão aprofundada do impacto de eventos potencialmente traumáticos na família.

Os resultados dão-nos também pistas acerca do silêncio que ocorre nas famílias em torno de experiências traumáticas, pelo que se torna importante refletir sobre o papel do próprio psicólogo que, ao pertencer a um nível macro, poderá inconscientemente aliar-se ao silêncio e negação das narrativas dominantes em torno deste tipo de eventos sociais. Psicólogos e terapeutas familiares devem estar conscientes desta tendência de forma a não replicar dinâmicas de silêncio na sua prática, evitando assim processos de retraumatização.

A pertinência neste estudo é igualmente sublinhada pela quantidade de informação recolhida nas entrevistas, evidenciado este como um campo fértil para a investigação. Ressalvamos, por último, que por esta ser uma primeira abordagem a uma área ainda tão pouco estudada, o guião foi construído de modo a permitir uma compreensão mais alargada da experiência das famílias, pelo que estudos futuros poderão focar-se no desenvolvimento de um guião de entrevista que permita explorar em mais profundidade determinados subtópicos, como a parentalidade e a conjugalidade, ou a reflexividade narrativa das famílias.

Referências Bibliográficas

- Albuquerque, A., & Lopes, F. (1994). Características de um grupo de 120 ex-combatentes da guerra colonial vítimas de «stress de guerra» [Characteristics of a group of 120 former colonial war veterans victims of «war stress»]. *Vértice*, 58, 28-32.
- Albuquerque, A., Fernandes, A., Saraiva, E., & Lopes, F. (1992). Distúrbios pós-traumáticos do stress em ex-combatentes da guerra colonial [Post-traumatic stress disorder in former colonial war veterans]. *Revista de Psicologia Militar*, 399-407.
- Albuquerque, A., Soares, C., Jesus, P. M., & Alves, C. (2003). Perturbação PósTraumática do Stress (PTSD): Avaliação da taxa de ocorrência na população portuguesa. *Acta Médica Portuguesa*, 16, 1-12.
- Almeida, M. V. (2004). *An earth-colored sea : “race”, culture and the politics of identity in the post-colonial Portuguese-speaking world*. Berghahn Books
- Anderson, H., & Goolishian, H. A. (1988). Human Systems as Linguistic Systems: Preliminary and Evolving Ideas about the Implications for Clinical Theory. *Family Process*, 27(4), 371–393. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1988.00371.x>
- Antunes, M. J. L. (2014). *Regressos quase perfeitos: Etnografia da memória de guerra em Angola (1971-1973)* [Dissertação de doutoramento, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), Universidade Nova de Lisboa] . Repositório da Universidade Nova de Lisboa.<http://hdl.handle.net/10362/14997>
- Antunes, M. J. L. (2017). War Narratives Then and Now: Ex-Combatants’ Memories of Angola. *Portuguese Studies Review*, 25(1), 347–364.
- APA (1980). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders, 3rd Edition: DSM-III* (3rd ed.). American Psychiatric Association.
- Arzi, N. B., Solomon, Z., & Dekel, R. (2000). Secondary traumatization among wives of PTSD and post-concussion casualties: distress, caregiver burden and psychological separation. *Brain Injury*, 14(8), 725–736. <https://doi.org/10.1080/026990500413759>
- Audergon, A. (2004). Collective trauma: the nightmare of history. *Psychotherapy and Politics International*, 2(1), 16–31. <https://doi.org/10.1002/ppi.67>

- Bartone, P. T., & Homish, G. G. (2020). Influence of hardiness, avoidance coping, and combat exposure on depression in returning war veterans: A moderated-mediation study. *Journal of Affective Disorders*, 265, 511–518. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.01.127>
- Becker, J. P., & Quartilho, M. J. (2021). Colonial War: When the Years Rekindle the Suffering—A Pilot Study. *Reports*, 4(2), 10. <https://doi.org/10.3390/reports4020010>
- Becker, J., Borges, T., Maia, A., & Sales, L. (2019). The Scars of War: the past and the present of war trauma in Portugal. [Poster presentation] *16ª Conferência ESTSS*. <https://ces.uc.pt/observatoriodotrauma/?id=42939>
- Beckham, J. C., Lytle, B. L., & Feldman, M. E. (1996). Caregiver burden in partners of Vietnam War veterans with posttraumatic stress disorder. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 64(5), 1068–1072. <https://doi.org/10.1037//0022-006x.64.5.1068>
- Beja, M. J., & Miranda, M. P. (2021). Intervenção em Catástrofe: A Inevitabilidade de uma Leitura Sistémica. In M. Gouveia-Pereira, & M. P. Miranda (Eds.), *Manual de Terapia Familiar – Teoria, Avaliação e Intervenção Sistémica* (pp. 225-237). Factor.
- Bohanek, J., Marin, K., Fivush, R., & Duke, M. (2006). Family narrative interaction and children's sense of self. *Family Process*, 45(1), 39-54. doi: <http://dx.doi.org/10.1111%2Fj.1545-5300.2006.00079.x>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Brenner, L. A., Betthausen, L. M., Bahraini, N., Lusk, J. L., Terrio, H., Scher, A. I., & Schwab, K. A. (2015). Soldiers returning from deployment: A qualitative study regarding exposure, coping, and reintegration. *Rehabilitation Psychology*, 60(3), 277–285. <https://doi.org/10.1037/rep0000048>
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Harvard University Press.
- Brough, M., Schweitzer, R., Shakespeare-Finch, J., Vromans, L., & King, J. (2012). Unpacking the Micro-Macro Nexus: Narratives of Suffering and Hope among Refugees from Burma Recently Settled in Australia. *Journal of Refugee Studies*, 26(2), 207–225. <https://doi.org/10.1093/jrs/fes025>

- Cabecinhas, R., & Feijó, J. (2010). Collective Memories of Portuguese Colonial Action in Africa: Representations of the Colonial Past among Mozambicans and Portuguese Youths. *International Journal of Conflict and Violence*, 4(1), 2010. <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/11738/1/Cabecinhas%20%26%20Feij%c3%b3%202010%20IJCV.pdf>
- Campos, A. (2018). *An Oral History of the Portuguese Colonial War Conscripted Generation*. Cham Springer International Publishing Palgrave Macmillan
- Cardoso, R. G. (2015). *PPST e conjugalidade: regulação emocional, violência e satisfação conjugal em casais com historial de exposição à Guerra Colonial* [Dissertação de mestrado]. <http://hdl.handle.net/10284/5000>
- Castelo, C. (1999). *O Modo Português de Estar no Mundo: O luso-tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa (1933-1961)*. Edições Afrontamento.
- Chandra, A., Lara-Cinisomo, S., Jaycox, L. H., Tanielian, T., Burns, R. M., Ruder, T., & Han, B. (2009). Children on the Homefront: The Experience of Children From Military Families. *PEDIATRICS*, 125(1), 16–25. <https://doi.org/10.1542/peds.2009-1180>
- Chukwura, C. L., Santo, T. J., Waters, C. N., & Andrews, A. (2019). “Nutrition is out of our control”: soldiers’ perceptions of their local food environment. *Public Health Nutrition*, 22(15), 2766–2776. <https://doi.org/10.1017/S1368980019001381>
- Começanha, A. (2011). *Percursos Individuais Face Ao Potencial Trauma em Ex-combatentes Da Guerra Colonial: Uma Comparação Entre A Patogénese e a Salutogénese* [Dissertação de mestrado]. Universidade do Minho.
- Começanha, R., & Maia, A. (2011). Determinantes da utilização de serviços de saúde em ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa: estresse pós-traumático, neuroticismo e apoio social. *Contextos Clínicos*, 4(2), 123-131. <https://doi.org/10.4013/ctc.2011.42.06>
- Council on Foreign Relations. (n.d.). *Global conflict tracker L council on foreign relations*. Global Conflict Tracker. <https://www.cfr.org/global-conflict-tracker>
- Creswell, J. W. (2007). *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Artmed.
- Danieli, Y. (1982). Families of survivors of the Nazi Holocaust: Some short- and long-term effects. *Series in Clinical & Community Psychology: Stress & Anxiety*, 8, 405–421.

- Danieli, Y. (1985). The Treatment and Prevention of Long-term Effects and Intergenerational Transmission of Victimization: A Lesson From Holocaust Survivors and Their Children. In C. R. Figley (Ed.), *Trauma And Its Wake* (pp. 295-313). Routledge.
- Danieli, Y. (1998). *International Handbook of Multigenerational Legacies of Trauma, The Plenum Series on Stress and Coping*. Plenum Press.
- Davis, J., Ward, D. B., & Storm, C. (2011). The Unsilencing of Military Wives: Wartime Deployment Experiences and Citizen Responsibility. *Journal of Marital and Family Therapy*, 37(1), 51–63. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2009.00154.x>
- De Haene, L., Rousseau, C., Kevers, R., Deruddere, N., & Rober, P. (2018). Stories of trauma in family therapy with refugees: Supporting safe relational spaces of narration and silence. *Clinical Child Psychology and Psychiatry*, 23(2), 258–278. <https://doi.org/10.1177/1359104518756717>
- DeVoe, E. R., & Ross, A. (2012). The Parenting Cycle of Deployment. *Military Medicine*, 177(2), 184–190. <https://doi.org/10.7205/milmed-d-11-00292>
- Dimitry, L. (2011). A systematic review on the mental health of children and adolescents in areas of armed conflict in the Middle East. *Child: Care, Health and Development*, 38(2), 153–161. <https://doi.org/10.1111/j.1365-2214.2011.01246.x>
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (2018). *The SAGE Handbook of Qualitative Research* (5th ed., p. 43). SAGE Publications, Inc.
- Dirkzwager, A. J. E., Bramsen, I., Adèr, H., & van der Ploeg, H. M. (2005). Secondary Traumatization in Partners and Parents of Dutch Peacekeeping Soldiers. *Journal of Family Psychology*, 19(2), 217–226. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.19.2.217>
- Eshbaugh, E., & Henninger, W. (2013). Potential mediators of the relationship between gender and death anxiety. *Individual Differences Research*, 11(1), 22.
- Gergen, K. J. (1985). The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, 40(3), 266-275.
- Guba, E. G., & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. K., Denzin & Y.S., Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Sage.
- Ferrajão, P. C., & Oliveira, R. A. (2015). The effects of combat exposure, abusive violence, and sense of coherence on PTSD and depression in Portuguese colonial war veterans.

Psychological Trauma: Theory, Research, Practice, and Policy, 8, 1-8.
doi:10.1037/tra0000043

Figley, C. R., & Hogencamp, V. (1983). Bringing the war home. In C. R. Figley & H. I. McCubbin (Eds.), *Stress and the Family: Coping with Catastrophe*. Brunner/Mazel.

Figley, C. R., & Kiser, L. J. (2013). Spreading beyond the Individual: Family Adaptation to Stress and Trauma. In C. R. Figley, & L. J. Kiser, (Eds.), *Helping Traumatized Families* (pp. 29–42). Taylor and Francis.

Fivush, R., & Kuebli, J. (1997). Making everyday events emotional: The construal of emotion in parent—child conversations about the past. In N. Stein, P. A. Ornstein, C. A. Brainerd, & B. Tversky (Eds.), *Memory for everyday and emotional events* (pp. 239–266). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Fivush, R., & Buckner, J.P. (2003). Creating gender and identity through autobiographical narratives. In R. Fivush & C. Haden (Eds.), *Autobiographical memory and the construction of a narrative self: Developmental and cultural perspectives* (pp. 149–169). Mahwah NJ: Erlbaum.

Gehrman, P. R., Harb, G. C., Cook, J. M., Barilla, H., & Ross, R. J. (2014). Sleep Diaries of Vietnam War Veterans With Chronic PTSD: The Relationships Among Insomnia Symptoms, Psychosocial Stress, and Nightmares. *Behavioral Sleep Medicine*, 13(3), 255–264. <https://doi.org/10.1080/15402002.2014.880344>

Gómez, P. (2023). Transmisión transgeneracional del trauma. Revisión sistemática. *Mosaico - Revista de La Federación Española de Asociaciones de Terapia Familiar*, 85, 139–154.

Goodman, N. (1978). *Ways of worldmaking*. Hackett.

Green, B. L., Lindy, J. D., & Grace, M. C. (1988). Long-term coping with combat stress. *Journal of Traumatic Stress*, 1(4), 399–412. <https://doi.org/10.1007/bf00980363>

Harb, G. C., Thompson, R., Ross, R. J., & Cook, J. M. (2012). Combat-Related PTSD Nightmares and Imagery Rehearsal: Nightmare Characteristics and Relation to Treatment Outcome. *Journal of Traumatic Stress*, 25(5), 511–518. <https://doi.org/10.1002/jts.21748>

Herman, J. L. (2015). *Trauma and Recovery: Aftermath of Violence from Domestic Abuse to Political Terror*. Basicbooks.

- Hinchey, L. M.-E., Nashef, R., Bazzi, C., Gorski, K., & Arash Javanbakht. (2023). The longitudinal impact of war exposure on psychopathology in Syrian and Iraqi refugee youth. *International Journal of Social Psychiatry*, 69(7), 1833–1836. <https://doi.org/10.1177/00207640231177829>
- Holt, S., Buckley, H., & Whelan, S. (2008). The Impact of Exposure to Domestic Violence on Children and Young people: a Review of the Literature. *Child Abuse & Neglect*, 32(8), 797–810. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2008.02.004>
- Hoppen, T. H., & Morina, N. (2019). The prevalence of PTSD and major depression in the global population of adult war survivors: a meta-analytically informed estimate in absolute numbers. *European Journal of Psychotraumatology*, 10(1), 1578637. <https://doi.org/10.1080/20008198.2019.1578637>
- Imber-Black, E. (1999). *The secret life of families : making decisions about secrets: when keeping secrets can harm you, when keeping secrets can heal you-- and how to know the difference*. Bantam Books
- Jerónimo, M. B. (2018). Portuguese Colonialism in Africa. *Oxford Research Encyclopedia of African History*. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780190277734.013.183>
- Jordan, B. K., Marmar, C. R., Fairbank, J. A., Schlenger, W. E., Kulka, R. A., Hough, R. L., & Weiss, D. S. (1992). Problems in families of male Vietnam veterans with posttraumatic stress disorder. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 60(6), 916–926. <https://doi.org/10.1037/0022-006x.60.6.916>
- Lacity, M. C., & Janson, M. A. (1994). Understanding qualitative data: A framework of text analysis methods. *Journal of Management Information Systems*, 11(2), 137-155.
- Kidron, C. A. (2012). Breaching the wall of traumatic silence: Holocaust survivor and descendant person–object relations and the material transmission of the genocidal past. *Journal of Material Culture*, 17(1), 3–21. <https://doi.org/10.1177/1359183511432989>
- Kilomba, G. (2020). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Editora Cobogó.
- Krauskopf, I. E., Bates, G. W., & Cook, R. (2023). Children of Holocaust Survivors: The Experience of Engaging with a Traumatic Family History. *Genealogy*, 7(1), 20. <https://doi.org/10.3390/genealogy7010020>

- Landau, J., & Saul, J. (2004). Facilitating Family and Community Resilience in Response to Major Disaster. In F. Walsh & M. McGoldrick (Eds.), *Living Beyond Loss* (pp. 1-29). Norton.
- Laplanche, J., & Jean-Bertrand Pontalis. (1988). *The Language of Psychoanalysis*. Karnac Books.
- Lester, P., Peterson, K., Reeves, J., Knauss, L., Glover, D., Mogil, C., Duan, N., Saltzman, W., Pynoos, R., Wilt, K., & Beardslee, W. (2010). The Long War and Parental Combat Deployment: Effectson Military Children and At-Home Spouses. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 49(4), 310–320. <https://doi.org/10.1016/j.jaac.2010.01.003>
- Maia, Â., McIntyre, T., Pereira, M. G., & Fernandes, E. M. (2006). Por baixo das pústulas da guerra : reflexões sobre um estudo com ex-combatentes da guerra colonial. In M. Gama (Ed.), *A guerra colonial (1961-1974)*. Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/5951>
- Mansfield, A. J., Schaper, K. M., Yanagida, A. M., & Rosen, C. S. (2014). One day at a time: The experiences of partners of veterans with posttraumatic stress disorder. *Professional Psychology: Research and Practice*, 45(6), 488–495. <https://doi.org/10.1037/a0038422>
- Marin, K. A., Bohanek, J. G., & Fivush, R. (2008). Positive Effects of Talking About the Negative: Family Narratives of Negative Experiences and Preadolescents' Perceived Competence. *Journal of Research on Adolescence*, 18(3), 573–593. <https://doi.org/10.1111/j.1532-7795.2008.00572.x>
- Martins, B. (2013). Guerra e memória social: a deficiência como testemunho. *Fractal: Revista de Psicologia*, 25(1), 3–22. <https://doi.org/10.1590/s1984-02922013000100002>
- McGoldrick, M. (2005). Irish Families. In M. McGolrick, J. Giordano, & N. Garcia-Preto (Eds.), *Ethnicity and family therapy* (3rd ed., pp. 595–616). Guilford Press.
- McGoldrick, M., Garcia-Preto, N., & Carter, B. (2013). The Life Cycle in Its Changing Context: Individual, Family, and Social Perspectives. In *Expanded Family Life Cycle, The: Pearson New International Edition Individual, Family, And Social Perspectives* (pp. 1–44). Pearson Education Limited.
- Minuchin, S. (1974). *Families and family therapy*. Harvard University Press.
- Mott, F. (1919). *War Neuroses and Shell Shock*. Oxford Medical Publications.

- Myers, C. S. (1915). A contribution to the study of shell shock . *The Lancet*, 185 (4772), 316–320. [https://doi.org/10.1016/s0140-6736\(00\)52916-x](https://doi.org/10.1016/s0140-6736(00)52916-x)
- Napier, J. L., Bettinsoli, M. L., & Suppes, A. (2020). The palliative function of system-justifying ideologies. *Current Opinion in Behavioral Sciences*, 34, 129–134. <https://doi.org/10.1016/j.cobeha.2020.03.002>
- Oliveira, S. (2008). *Traumas da guerra: Traumatização secundária das famílias dos ex-combatentes da guerra colonial com PSPT* [Dissertação de mestrado]. Universidade de Lisboa. <http://handle.net/10451/803>.
- Paiva, A. (2017). *A Última Carta: A vulnerabilidade transgeracional ao trauma em famílias de veteranos da Guerra Colonial Portuguesa* [Dissertação de mestrado]. Universidade de Coimbra. <https://hdl.handle.net/10316/81424>
- Pedras, C. (2009). *Variáveis de Saúde, Familiares e de Psicopatologia em Filhos de Veteranos da Guerra Colonial Portuguesa* [Dissertação de mestrado]. Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/11370>
- Pedroso, J. L., Linden, S. C., Barsottini, O. G., Maranhão Filho, P., & Lees, A. J. (2017). The relationship between the First World War and neurology: 100 years of “Shell Shock.” *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, 75(5), 317–319. <https://doi.org/10.1590/0004-282x20170046>
- Pereira, M. G., & Pedras, S. (2011). Vitimização secundária nos filhos adultos de veteranos da guerra colonial Portuguesa. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 24(4), 702–709. <https://doi.org/10.1590/s0102-79722011000400010>
- Pereira, M. G., Pedras, S., Lopes, C., Pereira, M., & Machado, J. (2010). PTSD, Psicopatologia e Tipo de Família em Veteranos da Guerra Colonial Portuguesa. *Revista de Psicologia Militar*, 19, 211–232.
- Pincus, S. H., Hose, R., Christenson, J., & Adler, L. E. (2011). The Emotional Cycle of Deployment: A Military Family Perspective. *Army Medical Department Journal*, 15–23.
- Pinto, A. C., & Jerónimo, M. B. (2015). Ideologies of exceptionality and the legacies of empire in Portugal. In D. Rothermund (Ed.), *Memories of post-imperial nations: the aftermath of decolonization , 1945-2013* (pp. 97–117). Oxford University Press.

- Prati, G., & Pietrantonio, L. (2009). Optimism, Social Support, and Coping Strategies As Factors Contributing to Posttraumatic Growth: A Meta-Analysis. *Journal of Loss and Trauma*, 14(5), 364–388. <https://doi.org/10.1080/15325020902724271>
- Prigerson, H. G., Maciejewski, P. K., & Rosenheck, R. A. (2002). Population Attributable Fractions of Psychiatric Disorders and Behavioral Outcomes Associated With Combat Exposure Among US Men. *American Journal of Public Health*, 92(1), 59–63. <https://doi.org/10.2105/ajph.92.1.59>
- Punamäki, R.-L., Qouta, S. R., & Peltonen, K. (2018). Family systems approach to attachment relations, war trauma, and mental health among Palestinian children and parents. *European Journal of Psychotraumatology*, 8(7). <https://doi.org/10.1080/20008198.2018.1439649>
- Rehbein, M. P., & Chatelard, D. S. (2013). Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura. *Fractal: Revista de Psicologia*, 25(3), 563–583. <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000300010>
- Ribeiro, M. C., & Da Cruz Rodrigues, F. (2021). Gestos artísticos e narrativas pós-memoriais: interrogações pós-coloniais em português. *Abril – NEPA / UFF*, 13(27), 17–43. <https://doi.org/10.22409/abriluff.v13i27.50699>
- Riggs, D. S., Byrne, C. A., Weathers, F. W., & Litz, B. T. (1998). The quality of the intimate relationships of male Vietnam veterans: Problems associated with posttraumatic stress disorder. *Journal of Traumatic Stress*, 11(1), 87–101. <https://doi.org/10.1023/a:1024409200155>
- Riggs, S. A., & Riggs, D. S. (2011). Risk and resilience in military families experiencing deployment: The role of the family attachment network. *Journal of Family Psychology*, 25(5), 675–687. <https://doi.org/10.1037/a0025286>
- Rommes, E., & Nisrine Chaer. (2023). Counter-narratives against hardships among Syrian refugee youth and parents. *Transcultural Psychiatry*, 61(1). <https://doi.org/10.1177/13634615231191993>
- Rosen, L., Durand, D., & Martin, J. (2000). Wartime Stress and Family Adaptation. In *The military family: A practice guide for human service providers* (pp. 123–138). Greenwood.

- Rosenheck, R. (1986). Impact of Posttraumatic Stress Disorder of World War II on the Next Generation. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, 174(6), 319–327. <https://doi.org/10.1097/00005053-198606000-00001>
- Rosenheck, R., & Nathan, P. (1985). Secondary traumatization in children of Vietnam veterans. *Psychiatric Services*, 36(5), 538-539.
- Ruscio, A. M., Weathers, F. W., King, L. A., & King, D. W. (2002). Male war-zone veterans' perceived relationships with their children: The importance of emotional numbing. *Journal of Traumatic Stress*, 15(5), 351–357. <https://doi.org/10.1023/a:1020125006371>
- Salazar, A.O. (1965). Erros e Fracassos da Era Política. *Boletim Geral do Ultramar*, XLI, 475-476, 28.
- Saltzman, W. R., Pynoos, R. S., Lester, P., Layne, C. M., & Beardslee, W. R. (2013). Enhancing Family Resilience Through Family Narrative Co-construction. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 16(3), 294–310
- Samper, R. E., Taft, C. T., King, D. W., & King, L. A. (2004). Posttraumatic stress disorder symptoms and parenting satisfaction among a national sample of male Vietnam veterans. *Journal of Traumatic Stress*, 17(4), 311–315. <https://doi.org/10.1023/b:jots.0000038479.30903.ed>
- Samreen , H., & Zubair , A. (2013). Locus of Control and Death Anxiety among Police Personnel. *Pakistan Journal of Psychological Research*, 28(2), 261–275.
- Saul, J. (2013). *Collective trauma, collective healing : promoting community resilience in the aftermath of disaster*. Routledge.
- Sendas, S. (2009). *Elaboração de significado das histórias de vida de ex-combatentes da Guerra Colonial Portuguesa com e sem Perturbação de Stress Pós-Traumático* [Dissertação de doutoramento não publicada]. Universidade do Minho.
- Sequeira, J. (2012). *Narrativa, mudança e processo terapêutico: Contributos para a Clínica e para a Investigação Sistémicas* [Dissertação de doutoramento não publicada].Universidade de Coimbra
- Shapiro, E. R. (2002). Family bereavement after collective trauma: Private suffering, public meanings, and cultural contexts. *Journal of Systemic Therapies*, 21(3), 81–92. <https://doi.org/10.1521/jsyt.21.3.81.23336>

- Shell Shock. (1922). *The British Medical Journal*, 2(3216), 322–323. <http://www.jstor.org/stable/20420866>
- Smith, N. B., Sippel, L. M., Presseau, C., Rozek, D., Mota, N., Gordon, C., Horvath, M., & Harpaz-Rotem, I. (2018). Locus of control in US combat veterans: Unique associations with posttraumatic stress disorder 5-factor model symptom clusters. *Psychiatry Research*, 268, 152–156. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.07.015>
- Solomon, Z., & Mikulincer, M. (2006). Trajectories of PTSD: A 20-Year Longitudinal Study. *American Journal of Psychiatry*, 163(4), 659–666. <https://doi.org/10.1176/ajp.2006.163.4.659>
- Solomon, Z., Benbenishty, R., & Mikulincer, M. (1991). The contribution of wartime, pre-war, and post-war factors to self-efficacy: A longitudinal study of combat stress reaction. *Journal of Traumatic Stress*, 4(3), 345–361. <https://doi.org/10.1002/jts.2490040304>
- Solomon, Z., Waysman, M., Belkin, R., Levy, G., Mikulincer, M., & Enoch, D. (1992). Marital Relations and Combat Stress Reaction: The Wives' Perspective. *Journal of Marriage and the Family*, 54(2), 316. <https://doi.org/10.2307/353063>
- Sousa, P. M. (2021) *Os números da guerra de África. Angola, Guiné, Moçambique. Guerra e Paz*
- Tankink, M., & Richters, A. (2007). Silence as a Coping Strategy: The Case of Refugee Women in the Netherlands from South-Sudan who Experienced Sexual Violence in the Context of War. In B. Drozdek & J. P. Wilson (Eds.), *Voices of Trauma: Treating Survivors Across Cultures* (pp. 191–210). Springer. https://doi.org/10.1007/978-0-387-69797-0_9
- Taft, C. T., Kaloupek, D. G., Schumm, J. A., Marshall, A. D., Panuzio, J., King, D. W., & Keane, T. M. (2007). Posttraumatic stress disorder symptoms, physiological reactivity, alcohol problems, and aggression among military veterans. *Journal of Abnormal Psychology*, 116(3), 498–507. <https://doi.org/10.1037/0021-843x.116.3.498>
- Thamotharampillai, U., & Somasundaram, D. (2021). Collective Trauma. In D. Bhugra (Ed.), *Oxford Textbook of Migrant Psychiatry*. Oxford University Press.
- Vala, J., Brito, R., & Diniz Lopes. (2015). *Expressões dos racismos em Portugal* (2nd ed.). Impr. De Ciências Sociais.

- Vala, J., Lopes, D., & Lima, M. (2008). Black Immigrants in Portugal: Luso–Tropicalism and Prejudice. *Journal of Social Issues, 64*(2), 287–302. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.2008.00562.x>
- Verbosky, S. J., & Ryan, D. A. (1988). Female Partners of Vietnam Veterans: Stress by Proximity. *Issues in Mental Health Nursing, 9*(1), 95–104. <https://doi.org/10.3109/01612848809140912>
- Wajnryb, R. (2001). *The Silence: How Tragedy Shapes Talk*. Allen & Unwin.
- Wheeler, A. R., & Torres Stone, R. A. (2010). Exploring stress and coping strategies among National Guard spouses during times of deployment: A research note. *Armed Forces & Society, 36*(3), 545-557.
- Wheeler, D. L., & Péliissier, R. (2011). *História de Angola. Tinta da China*.
- White, M., & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. New York: Norton
- World Health Organization. (2022, Março, 16). *Mental health in emergencies*. World Health Organization.
- <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/mental-health-in-emergencies#:~:text=The%20burden%20of%20mental%20disorders,post%2Dtraumatic%20stress%20disorder%2C%20bipolar>
- Zoellner, T., & Maercker, A. (2006). Posttraumatic growth in clinical psychology — A critical review and introduction of a two component model. *Clinical Psychology Review, 26*(5), 626–653. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2006.01.008>